
Não foi um colonialismo “suave”

Isabela Figueiredo sobre a dicotomia entre a família e a opressão em Moçambique

por Heike Krause-Leipoldt
Lesart 1/2021



Tudo começa com o pai. Quando este livro foi publicado, foi um escândalo: "Caderno de Memórias Coloniais" foi publicado em 2009. Nessa altura o pai já tinha morrido, a filha conta a sua história. O romance é sobre ele, o electricista que fugiu dos confins de Portugal para a colónia e construiu aqui uma nova existência. No processo, como homem branco, abusou do poder junto dos negros, explorando-os como outros senhores coloniais o fizeram sem grande sentimento de injustiça. A sua filha, que de Moçambique foi enviada para Portugal após a Revolução dos Cravos, deveria relatar como os negros rebeldes tratavam os seus antigos senhores brancos. Mas a rapariga não deu qualquer informação sobre isto, as suas opiniões estavam demasiado em conflito com as do seu pai. Por isso traiu-o, como ela escreve.

As suas memórias escritas e perturbadoras foram um escândalo em Portugal porque as pessoas tinham até então acreditado no colonialismo "suave". Agora viam isto exposto como uma mentira. Ao mesmo tempo, o livro foi extremamente bem-sucedido e já teve várias edições.

Agora é publicada outra obra da autora, mais uma vez um romance. "A Gorda" fala novamente de discriminação, injustiça e preconceito. O foco é o alter ego da autora, a gorda menina Maria Luísa, cuja dimensão corporal é principalmente o resultado da solidão e da frustração. Uma vez mais, o passado é trabalhado, mas não só. A autora explica: "Pura ficção e pura realidade".

A narradora na primeira pessoa leva muito tempo a aceitar o seu corpo. Depois de uma redução do estômago perde 40kg. Mas isso é algo exterior, apenas corporal. O interior remanesce. A fim de se sentir confortável com o seu interior, Maria Luísa tem de se reconciliar com o passado. Tal como no seu primeiro romance "Caderno de Memórias Coloniais" (dedicado ao seu pai, a propósito), Figueiredo trata da sua juventude em Moçambique, a solidão da jovem de 13 anos quando é enviada para Portugal após a luta pela independência. Em Portugal vive com a avó, é enviada para um internato, mais tarde vive com uma tia.

E finalmente, após dez anos, os pais também regressam a casa. A narradora na primeira pessoa ama-os e critica-os ao mesmo tempo. Esta dicotomia já pode ser sentida na jovem, a quem é roubado o resto da sua infância quando tem de regressar para Portugal sozinha. Dez anos perdidos com os pais ausentes. O corpo do seu pai continua forte e familiar, mas ela não pode seguir este homem racista e contraditório – no entanto, também ela praticou violência contra uma mulher negra em Moçambique. Ela sabia que não seria punida por isso. Não neste país, onde o racismo está na ordem do dia.

Mas mais tarde, em Portugal, os assédios às alunas também acontecem, quando Maria Luísa já está a trabalhar como professora. Também aqui, ela é a mais forte, a que não é punida por isso. Ela teria desejado um gesto de ternura por parte da sua mãe, mas tal não aconteceu. O credo da mãe "Nunca temos amigos" é também um pesado legado, porque as pessoas precisam de amigos, sobretudo quando são jovens. Ainda assim, a narradora na primeira pessoa é uma personagem forte apesar das suas profundas experiências de perda. Isto também se aplica ao seu único amor, David. Após a morte dos pais, ela guarda apenas alguns bens e, por assim dizer, cresce por dentro. No entanto, "A Gorda" (dedicado à sua mãe, a propósito) termina com a pergunta ficcional da mãe, "Como viverás sem mim"?

A "Gorda" e o "Caderno de Memórias Coloniais" trabalham questões semelhantes, a partir de perspetivas distintas. Ambos os livros são dignos de leitura.

Lesart, em poucas palavras

"As suas memórias escritas e perturbadoras foram um escândalo em Portugal": as problemáticas abordadas por Isabela Figueiredo no "Caderno de Memórias Coloniais", a sua juventude em Moçambique e os anos em Portugal longe dos seus pais, são prosseguidas em "A Gorda". Ela lida com o pai racista, o colono, e a mãe com a sua consciência de classe e o seu credo "Nunca temos amigos". Um destino difícil para uma criança de 13 anos.